

Nietzsche e as mulheres

Ernani Chaves¹

Marton, Scarlett. *Les ambivalences de Nietzsche*. Types, Images et Figures Féminines. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2021.

Nietzsche e as mulheres, Nietzsche e o feminino! Eis um tema, uma questão, que desde a chamada segunda onda do movimento feminista, iniciada em meados dos anos 1960, sob os ventos e as tempestades do maio de 1968, passou a interessar, sobremaneira, às então jovens pensadoras, para quem as posições de Simone de Beauvoir, apesar de sua reiterada importância, já não podiam mais ser suficientes. Entretanto, esse interesse não significou que o pensamento de Nietzsche sobre as mulheres e sobre o feminino tivesse encontrado, enfim, o momento em que ele poderia ser examinado mais de perto, analisado nas suas múltiplas perspectivas, inquirido quanto aos seus limites. Com isso, essa recepção mais recente não deixou de repetir alguns clichês, que ora insistiam no Nietzsche “misógino” (aquele que aconselhava aos homens, em célebre passagem de *Assim falou Zaratustra*, que ao irem ao encontro de alguma mulher, que levassem um chicote!), ora no Nietzsche “freundlich” (amigável e simpático) em relação às mulheres, sem deixar de invocar, ao seu favor, não apenas inúmeras passagens de sua obra, mas igualmente suas inúmeras relações, de fato afetivas e amigáveis, com diversas mulheres, cujos salões frequentava, com quem viajava junto ou ainda com quem manteve intensa correspondência, chegando mesmo com algumas delas a discutir seus livros, suas ideias.

Em seu mais recente trabalho, publicado na França no ano passado (a edição brasileira estava em preparação quando essa resenha foi escrita), Scarlett Marton, após mais de década de pesquisas e estudos sobre o tema, publica este livro, o qual desde o título já mostra sua clara e explícita inserção nesse debate, cujas linhas mais gerais enunciei acima. Afinal, era como tivesse chegado a hora, imprescindível e inadiável, de enfrentar esse enigma, cuja “monstruosidade” nos atraí, fascina, mas igualmente pode nos causar repulsa, aversão, desprezo. Trata-se, desde as primeiras linhas da “Introdução” de não denegar, por mais honroso que pudesse ser o motivo, a questão da “ambivalência” de Nietzsche em relação a essa questão, que não é nova certamente na história da *Nietzsche-*

¹ Professor da Universidade Federal do Pará. Pesquisador do CNPq. E-mail ernanic6057@gmail.com.

Forschung, mas que, por outro lado, sempre ocupou um lugar secundário, não tendo recebido nenhum destaque nas mais conhecidas e já clássicas interpretações da filosofia nietzschiana.

Eu gostaria, nesta breve resenha, menos de resumir os diversos capítulos do livro, como é de praxe, e mais de apontar as questões que julgo fundamentais colocados por sua autora. Antes, entretanto, me parece necessária assinalar que este livro reitera e num certo sentido radicaliza, o procedimento metodológico que sua autora exercita desde a sua tese de doutorado, de 1988, cuja primeira edição em livro é de 1990. Trata-se, na esteira das grandes modificações introduzidas na interpretação e recepção de Nietzsche a partir da publicação da edição crítica por Colli-Montinari, cujos primeiros volumes remontam a 1967, de perseguir o intento de, antes de mais nada, situar a filosofia de Nietzsche no seu contexto histórico, no seu ambiente cultural, no redemoinho formado pelas ideias de sua época e, com isso, restituir-nos um Nietzsche na contracorrente de suas apropriações mais comuns no Brasil, as quais, segundo ela mesma em diversos textos, eram devidas a Heidegger e a Foucault. Há portanto uma espécie de solo comum, a partir do qual num trabalho de tantas décadas, Scarlett Marton tem interpretado a filosofia de Nietzsche, qual seja, o de que ele não poderia ser compreendido sem esse trabalho anterior e concomitantemente de restituição ao seu tempo e à sua época. Mais que isso, era igualmente precisa combinar, no trabalho interpretativo, as obras publicadas, as anotações póstumas, a correspondência, mas também a “biblioteca” de Nietzsche, suas fontes, os livros que leu e releu, os filósofos que abraçou, os que rejeitou, mesmo que nem sempre os tivesse lido em primeira mão, assim como as teorias científicas, que fervilhavam no seu tempo. Ora, sabemos, que esse tipo de levantamento não impede o trabalho de interpretação e nem destitui o intérprete de uma abordagem singular, que traz a sua marca, passando longe da ideia de que a interpretação seria mera recomposição do já dito por Nietzsche. Ao contrário, o que esse trabalho de fato impede é a especulação gratuita e o voo desequilibrado.

Este livro sobre *Nietzsche e as mulheres* (assim se chama na edição brasileira) segue, portanto, essa direção metodológica. Nessa perspectiva, seus ganhos são muitos: em primeiro lugar, porque ele mostra claramente que a questão da mulher e do feminino não é uma questão secundária, estranha ao cerne da filosofia de Nietzsche, pelo contrário, trata-se de uma questão que só pode ser melhor compreendida quando devidamente colocada em relação com os grandes temas da filosofia nietzschiana, nas suas diversas

fases. Assim, as dimensões propriamente teórica, ética, estética e política do pensamento do filósofo podem ser iluminadas pelas discussões a propósito das mulheres e do feminino. Pensemos, por exemplo, nas reflexões sobre o casamento e o concubinato e sua imprescindível relação com a figura do “espírito livro”, próprias da segunda fase do pensamento de Nietzsche ou ainda sobre as figuras e tipos que vão inundar seus textos a partir de *Assim falou Zaratustra*. Aliás, um livro pleno de figuras femininas e de passagens importantes a respeito das mulheres.

O trabalho metucioso da interpretação, da “ourivesaria”, imagem tão importante de Nietzsche ligada ao trabalho de leitura e interpretação está presente de ponta a ponta neste livro. Ao abrir uma página dele (a 75 da edição francesa), me deparo com o comentário ao aforismo 361 de *A gaia ciência*, no qual Scarlett Marton monta, numa espécie de colcha de retalhos trabalhada com refinamento, os traços que caracterizam o procedimento de Nietzsche num aforismo no qual a questão das mulheres se entrelaça com a história das mulheres, marcada no século XIX por um tipo de intervenção médica, que adota a hipnose e diagnostica como histeria o mal feminino por excelência. Trata-se, justamente, a partir do modelo da histeria, de insistir na ideia de “simulação”, como se o conhecimento médico tivesse menos realizado uma descoberta e mais transcrito nos códigos da ciência médica da época uma ideia largamente difundida na cultura ocidental, da qual a história das mulheres é testemunha, qual seja, que o feminino é fundamentalmente simulação, artifício, maquiagem, “mentira”. Scarlett Marton mostra como esse tipo de diagnóstico de Nietzsche, o “médico da cultura”, se explica numa conexão com outros textos, de períodos anteriores, com os quais ele nem sempre está de acordo, mudando, portanto, como as serpentes, de pele.

Mas, Scarlett Marton não é condescendente com nenhuma imagem idealizada de Nietzsche. Ela sempre destacou, por exemplo, para criticar a imagem de um Nietzsche destruidor de todos os ídolos, os aspectos propositivos de seu pensamento. Aqui, se trata de não denegar – insisto, com alguma impertinência, em usar um conceito psicanalítico – para justamente defender um Nietzsche isento de toda mácula, que o filósofo também procede com as mulheres e com o feminino de acordo com os padrões e preconceitos e discriminatórios de sua época. Sua crítica às “*femmes des lettres*” mostram claramente isso e Scarlett Marton explora essa face conservadora como uma das faces que compõe o rosto da filosofia de Nietzsche. Como, então, mulheres poderiam se atrever a pensar e, pior, a escrever livros? Não ficaria melhor se continuassem cuidando da casa, do marido

e dos filhos? Essas passagens existem, elas estão lá nos textos. Por que apaga-las e deixa-las de lado para insistir numa imagem de Nietzsche libertador e liberador? Mais ainda, se elas existem, o que elas dão a pensar, o que podemos fazer com elas senão, num primeiro momento, procurar entendê-las. Eis aqui portanto o que diferencia esse livro de um tipo de leitura que, para criticar Nietzsche, se exime do cuidadoso trabalho de interpretação. Qual o lugar dessas passagens “misóginas” na estrutura argumentativa de Nietzsche, sem ter de recair no psicologismo, perspectiva que Scarlett Marton afasta decididamente de seu horizonte?

A conclusão de Scarlett é radical: Nietzsche não permaneceu ambivalente em relação a essa questão, ele tomou uma posição na medida em que sua palavra final parecer ser a de “exclusão”. Sim, Nietzsche teria excluído as mulheres de qualquer intervenção na esfera pública e, com isso, reiterou o mesmo gesto que marcou as filosofias modernas, com as quais tanto se confrontou tanto criticou.

Se adianto a conclusão, esse “*spoiler*” tem a função de despertar a curiosidade do leitor e, principalmente das leitoras, interessadas ou não em Nietzsche, para a leitura de um livro que marca a recepção internacional de Nietzsche sobre o tema. Um livro que reitera o que há de melhor no procedimento metodológico adotado por sua autora e que, a despeito das leituras ditirâmicas ou apressadas de Nietzsche, define com precisão o que ele próprio chamou de “extemporâneo”, ou seja, de que uma grandeza de uma obra só se pode ser medida a partir do confronto de seu autor com seu próprio tempo.